

Memórias e histórias: a vivência da temporalidade na construção do ser-travesti

Memories and stories: the experience of temporality in the construction of being a transvestite

Memorias e historias: la vivencia de la temporalidad en la construcción del ser-travesti

Edmar Henrique Dairell Davi
Maria Alves de Toledo Bruns

RESUMO: O objetivo deste artigo é investigar como travestis profissionais e ex-profissionais do sexo constroem as demarcações temporais em suas trajetórias de vida. A fim de alcançar este objetivo, entrevistamos dez travestis com idades entre 24 e 62 anos, residentes no interior do Estado de Minas Gerais, Brasil. A partir das entrevistas, chegamos a três categorias: 1. Nos tempos da infância / juventude; 2. Investindo no corpo; 3. Histórias da pista. Os resultados sugerem que as políticas públicas devem observar como as travestis lidam com as diferenças geracionais e o envelhecimento com o intuito de lhes garantir direitos fundamentais.

Palavras-chave: Travestis; Temporalidade; Envelhecimento.

ABSTRACT: *The objective of this article is to investigate how professional transvestites and former sex professionals build temporal boundaries in their life trajectories. To achieve this goal we interviewed ten transvestites aged between 24 and 62 years residing in the State of Minas Gerais-Brazil. From the analysis of the interviews we identified three categories: 1. During childhood / youth; 2. Investing in the body; 3. Stories of the Streets. The results suggest that public policies should observe how transvestites deal with generational differences and the aging in order to ensure their fundamental rights.*

Keywords: *Transvestites; Temporality; Aging.*

RESUMEN: *El objetivo de este artículo es investigar cómo travestis profesionales y ex profesionales del sexo construyen las demarcaciones temporales en sus trayectorias de vida. A fin de alcanzar este objetivo, entrevistamos diez travestis con edades entre 24 y 62 años, residentes en el interior del Estado de Minas Gerais, Brasil. A partir de las entrevistas, llegamos a tres categorías: 1. En los tiempos de la infancia / juventud; 2. Invirtiendo en el cuerpo; 3. Historias de la pista. Los resultados sugieren que las políticas públicas deben observar cómo las travestis tratan las diferencias generacionales y el envejecimiento con el fin de garantizarles derechos fundamentales.*

Palabras clave: *Travestis; Temporalidad; Envejecimiento.*

Introdução

Este artigo se propõe a avaliar, por meio de pesquisa empírica, como são vivenciadas as questões e preocupações com o tempo, e os sentidos de duração das experiências pessoais, inclusive as memórias da infância e da juventude, a trajetória na prostituição, e o processo de envelhecimento de um grupo de dez travestis com idade de 24 a 62 anos, residentes no interior de Minas Gerais, Brasil.

O trabalho com histórias de vida de travestis que se prostituem vem preencher uma lacuna referente aos processos históricos que se inserem no movimento de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais (LGBTT), uma vez que ainda são poucos os estudos que privilegiam a vivência destes sujeitos e sua temporalidade, suas memórias, suas biografias, dentre outros temas (Leite Junior, & Pocahy, 2015).

Embora se observe que diversas pesquisas tenham abordado especialmente os processos históricos referentes ao movimento homossexual brasileiro, e depois ao movimento LGBTT (MacRae, 1990; Simões, & Facchini, 2009), no Brasil, há uma lacuna particular no que se refere às questões teóricas com o tempo, a memória e os sentidos de duração das experiências pessoais e intersubjetivas, inclusive a do envelhecimento.

Para Leite Junior, & Pocahy (2015), nas últimas décadas surgiram vários estudos nas Ciências Sociais que tratam da diversidade sexual e de gênero nas suas múltiplas formas de significação e/ou conceituação. Contudo, os referidos autores afirmam que os estudos sociais sobre memória e envelhecimento apresentam caminhos muito específicos no âmbito destes saberes - a memória sendo um tema mais frequentemente tratado, enquanto as pesquisas sobre geração e envelhecimento apareceram em tempos mais recentes; fazendo com que as significações, os obstáculos e as positivities a respeito das trajetórias de vida de pessoas LGBTT mostrarem-se ainda muito rarefeitas e dispersas, especialmente em nosso país.

Ao percorrermos as pesquisas socioantropológicas brasileiras que versam mais especificamente sobre o universo das travestilidades (Benedetti, 2005; Silva, 2007; Kullick, 2008; Pelúcio, 2009; Duque, 2011; Davi, & Bruns, 2012; Lopes, 2013; Peres, 2015); damo-nos conta da demarcação de uma temporalidade específica que permeia a construção da experiência destes sujeitos. A noite parece ser o lócus privilegiado da construção do ser travesti. Em sua maioria, elas têm hábitos noturnos e se expõem pouco à luz natural, pois, em geral, dormem durante o dia. Benedetti (2005) e Silva (2007) notaram esta dinâmica entre as travestis gaúchas e cariocas investigadas pelos autores e, desse modo, tiveram de alterar suas próprias rotinas para efetivar a observação desse grupo: muitas vezes, ficando expostos às “*aventuras e os impasses de um pesquisador no mundo da noite*” (Benedetti, 2005, p. 43); pesquisadores que compartilharam das dificuldades e agruras visando a se integrarem ao universo de pesquisa.

Temos, então, uma temporalidade *à noite* que acomoda num determinado território de sociabilidade e socialização travesti, composto principalmente das avenidas, ruas e esquinas das cidades brasileiras.

Outra questão referente à experiência do tempo surge quando se discute com as travestis seu processo de envelhecimento. Como expressam alto nível de preocupação com a estética, com o visual, inclusive dependendo da venda do corpo na prostituição, a aparência se torna requisito de grande importância. Antunes (2013a) ressalta ainda que a velhice no contexto travesti chega “mais cedo”: tal como um produto perecível, precisa ser consumido rápido. Seu tempo de exposição a contextos de violência física, emocional, afetiva e psíquica, de todos os tipos e em todo o grau, registra vulnerabilidades, isto sem falarmos em uso de drogas. Assim, observa-se que na construção das travestilidade as marcas etárias são relativizadas, podendo alguém ser considerada uma pessoa “idosa” com apenas 40 anos de vida. A longevidade desvela não só a cronologia, mas também o uso do corpo, ou seja, seu estado de exposição às intempéries existenciais:

Como não há nenhum gênero e velhice “originais”, “naturais”, “essenciais”, “universais”, “imutáveis”, “fixos”, “neutros” e “verdadeiros”, a noção de cópia de gênero e/ou velhice perde o sentido. Nesse caso, não há como copiar aquilo que não se concretizou. Todas as variações da velhice e/ou gênero são válidas. Elas só se concretizam enquanto *performatividades*. Para serem reconhecidas e legitimadas, necessitam da aceitação social (Antunes, 2013b, p. 4).

Sendo consideradas diferentes em qualquer faixa etária da vida, as travestis lidam com uma forma peculiar de registrar a passagem do tempo. Vivendo preferencialmente à noite e lutando contra o envelhecimento, ainda se observa, conforme Pelúcio (2009), a constante vigília dos atributos masculinos (fazer a barba, manter a postura, falar em falsete etc.), a espera pelo momento certo de ingerir hormônios e “bombar” o corpo. Afinal, é esse corpo cuidado que lhe confere a *montagem de 24 por 24 horas de construção* de ser-travesti. Esse é o trânsito na interface com a temporalidade que jovens *gays* vivenciam em direção ao universo travesti.

Para compreender esse trânsito, nos apoiamos aqui na perspectiva fenomenológica; mais especificamente, nas ideias do filósofo Maurice Merleau-Ponty (1908-1961) e em sua discussão sobre as diferenças entre a visão científica objetiva e subjetiva do tempo, para investigar a temporalidade da vivência travesti.

Para Merleau-Ponty, o tempo não pode ser visto de maneira absoluta, destacada do contexto e dos sujeitos que experimentam sua passagem. O que chamamos de “agora” é relacionado ao que outras pessoas chamam também de “agora”, mas não há como definir “agora” sem nos referir à subjetividade da experiência humana.

Se não pensássemos o tempo do ponto de vista de alguém que está *no* tempo, diz Merleau-Ponty (2006), então não poderíamos absolutamente pensar sobre ele. Esta característica subjetiva do tempo, no entanto, não quer dizer que ele seja “irreal”, puramente imaginário, uma invenção humana.

O foco recai na percepção da qualidade que o sujeito atribui ao tempo vivido na experiência vivenciada. É um átimo de tempo cronológico que se destaca pela qualidade e intensidade com que a experiência é vivida; por exemplo: a experiência de um encontro amoroso de 10 minutos. Um abraço de despedida de um ente querido fica gravado para sempre no espaço da memória vivida.

O tempo do passado, presente e futuro é subjetivo porque só pode existir se houver sujeitos capazes de experimentá-lo dessa forma. Não há como ficar “fora” olhando o mundo, de maneira atemporal e objetiva, conforme o pensamento cartesiano. Nós estamos envolvidos com o mundo, agindo sobre nossa própria situação, a fim de modificá-la. Somos conscientes de nós mesmos, como tendo intenções de agir desta ou daquela forma – com projetos a realizar. Como sujeitos ativos, elaboramos intenções de projetos, carregamos no presente um senso do que passou, do que se foi, assim como uma sensação do futuro apoiando-nos sobre o presente. Como nos dizeres de Bruns (2007, p. 25):

Nossa vida inteira está, no presente, em cada átimo de nossa existência. Afinal, o movimento de nosso existir é entrelaçado pelo fluir constante do presente que constitui no que foi vivido, vale dizer, o passado, o qual já foi presente e já foi possibilidade de vir a ser o futuro. Esse modo de ser dispõe-nos a uma abertura para estabelecermos relações significativas.

Na perspectiva merleau-pontyana, os seres humanos constroem tanto o tempo quanto o espaço, pelo fato de que um mundo sem sujeitos conscientes como nós seria um mundo no qual tempo e espaço não teriam qualquer sentido.

Mas, da mesma forma, por que nossa subjetividade é incorporada e nosso ser é no-mundo, tempo e espaço fornecem a moldura objetiva na qual se desdobra nossa existência. Assim, nós não pensamos a passagem de um presente a outro presente: nós a *efetuamos*, nós não somos seus meros espectadores. Nas palavras de Merleau-Ponty (2006, p. 564), “*eu já estou no presente que virá, assim como meu gesto já está em sua meta, eu mesmo sou o tempo, um tempo que ‘permanece’ e não ‘se escoia’ nem ‘muda’*”.

É a trajetória de cada um que nos constitui. Só somos quem somos por que fomos o que fomos. O tempo é uma das dimensões do nosso ser, como a espacialidade, a motricidade e a sexualidade. O tempo está no nosso corpo; ele nos situa em relação ao passado pela memória, presente pela experiência e futuro pela imaginação (Chauí, 2002).

Para Merleau-Ponty (2006), nossa existência é basicamente corporal, e nossas opções passadas estão “sedimentadas” em nosso corpo. O passado não determina nossos atos presentes, mas fornece o contexto no qual optamos por agir. Analisando o universo travesti sob esta perspectiva, podemos observar quantas delas não carregam em seus corpos as marcas da violência nas suas diferentes formas. A discriminação em casa, no trabalho, na escola; a negação da cidadania; as agressões na noite; tudo está atado à temporalidade da existência das travestis, tornando-se um horizonte para as experiências atuais e as que estão por vir. A vulnerabilidade a que estão expostas torna a travestilidade sinônimo de baixa expectativa de vida e insegurança para o futuro.

Antunes (2013a) afirma que viver o presente é uma constante na vida das travestis. Muitas não planejam seu futuro, pois acreditam (ou mesmo desejam) não chegar à velhice. O contexto violento e o estilo de vida considerado insalubre, o uso abusivo de drogas, a vulnerabilidade a diversos agravos à saúde, e o preconceito colaboram para que muitas travestis não acreditem que chegarão à idade avançada. Ao negarem o futuro, as travestis não se percebem enquanto sujeitos temporais e, assim, são presas fáceis do *ethos* da sociedade de consumo, cujo foco, segundo Bruns (2007), está na aparência, na valorização do novo, na primazia do efêmero, do provisório, e, portanto, na desqualificação do passado. Desse modo, esvazia-se o significado e o sentido do tempo presente – não raro, habitado pela angústia, desesperança, e até depressão. Somos tempo e não podemos nos abstrair de seu domínio. Podemos refutar a existência do tempo e considerá-lo uma ilusão. Podemos negar o tempo, mas não o seu abraço (Paz, 2011).

Dessa perspectiva, observa-se que a ausência de políticas públicas que auxiliem as travestis no que se refere a diferentes problemas também contribui para sua baixa expectativa de vida. Existem projetos e leis (Brasil, 2004) que foram constituídos na perspectiva de reduzir a vulnerabilidade das travestis. No entanto, muitos não alcançaram eficácia, pois foram elaborados sem levar em consideração as especificidades desta população. Ouvir as histórias, recuperar as memórias e compreender os sentidos das vivências das travestis constitui uma estratégia importante para tornar as políticas mais eficazes e reconhecer seu papel dentro dos movimentos sociais.

Para Portelli (1997), é preciso ouvir aqueles que não foram ouvidos: as pessoas comuns, trabalhadores, pobres e marginalizados, homossexuais, negros, mulheres, colonizados. Na investigação da memória coletiva, a voz de todos esses indivíduos, antes considerados obscuros, é igualmente importante e necessária. Portelli (1997) também considera que a memória pessoal é uma memória social, familiar e grupal:

Se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados poderá constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social, tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. A memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados. Em vista disso, as recordações podem ser semelhantes, contraditórias ou sobrepostas (Portelli, 1997, p. 16).

Bosi (1987), trabalhando com a memória de velhos, mostra que o modo de lembrar é individual tanto quanto social. O grupo e a cultura em que vivemos nos transmitem e nos ajudam a reter, como também reforçam as lembranças, os valores e as crenças do nosso tempo histórico. Assim, quando uma travesti fala dos conflitos vivenciados devido à sua orientação sexual à construção de seu gênero, ela vai paulatinamente individualizando a memória comunitária, mas nos fornece elementos para analisar o meio social de onde emergem o preconceito e a transfobia.

Ao evocarmos um passado distante na memória das travestis, reabrimos o tempo, nos recolocando num momento “*em que ele ainda comportava um horizonte de porvir hoje fechado, um horizonte de passado próximo hoje distante*” (Merleau-Ponty, 2006, p. 557). Favorecemos a reelaboração deste passado, a reflexão sobre o presente e o desdobrar do futuro enquanto horizonte.

Nessa perspectiva, considera-se que não há relatos orais que sejam “falsos” ou mesmo afirmativos “errados”. A oralidade, enquanto forma discursiva que tende a remodelar a memória é instável, porque depende das questões, diálogos e personalidades que o pesquisador põe em cena na relação intersubjetiva com aquilo que o entrevistado diz e deixa de dizer, e no que desloca as perguntas para outras questões (Melo, 2004). O método baseado nas histórias de vida visa à construção de um documento que registra a experiência vivida ou a descrição das experiências de um indivíduo ou de vários indivíduos: é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo.

Para Melo (2004, p. 58), o entrevistado traz, para o presente, seu passado e seu futuro, e seu relato expressa “*o mundo, os outros, a existência, seus amores, suas revoltas, seu desespero, sua esperança, de um modo particular e único. Compreender esse pensamento é penetrar em sua vida, em seu mundo, nele corporificado*”.

Nesse sentido, nossa escolha traduz uma posição em termos epistemológicos, e um método de inspiração fenomenológica parece o mais adequado, quando se pretende investigar e conhecer a experiência do outro, uma vez que o ato do sujeito de contar a sua experiência não se restringe somente a dar a conhecer os fatos e acontecimentos da sua vida. Mas significa, além de tudo, uma forma de existir com-o-outro; significa compartilhar o seu ser-com-o-outro (Merleau-Ponty, 2006).

Uma vez que o ser humano constitui-se numa subjetividade que pensa, sente e tem na linguagem a expressão da sua existência, compreender a experiência humana é uma tarefa de extrema complexidade. A pesquisa fenomenológica, ao considerar a dimensão do mundo vivido, nos sinaliza, portanto, com a possibilidade de nos aproximarmos do outro, sem que se perca a principal característica que o distingue no mundo, que é a existência (Josgrilberg, 2007).

Assim, nosso objetivo é compreender os significados e os sentidos que dez travestis profissionais e ex-profissionais do sexo atribuem à sua temporalidade na vivência da travestilidade; ou seja, compreender suas trajetórias e demarcações temporais ao longo da vida, suas histórias, memórias e experiências.

Nossas colaboradoras foram entrevistadas em uma Organização Não Governamental do interior do Estado de Minas Gerais, Brasil, que atua na defesa dos direitos e na assistência à população LGBTTT. Para garantir o anonimato das participantes da pesquisa, elaboramos pseudônimos para apresentar os relatos de nossas colaboradoras. A seguir, apresentamos temas relevantes nas histórias de vida, as demarcações temporais, os sentidos, e os significados extraídos a partir da análise compreensiva dos relatos coletados.

Temporalidade e vivência travesti

Realizamos este estudo com a contribuição das colaboradoras que compartilharam conosco suas vivências pessoais – travestis que mergulharam em suas mais íntimas vivências e nos relataram suas histórias de vida. Informamos ao leitor que discutimos as categorias elaboradas a partir das descrições, e aquelas que atribuem sentido à temporalidade da vivência das travestis no desvelar de seu corpo.

Nos tempos da infância e juventude

Nos depoimentos das travestis, observamos com frequência o relato das vivências da infância, e os primeiros jogos, brincadeiras, e experiências com as questões de gênero. Para nossas colaboradoras, esse momento foi colocado como a possibilidade de experimentar os papéis de gênero enquanto crianças ou adolescentes. Como nos fala Tatiana, de 28 anos:

“A vontade de mudar o corpo e de ser diferente veio desde criancinha. Você olha uma menina e quer ser como ela. Aí coloca uma pulseira, um sapato. As minhas irmãs me pintavam, faziam de tudo comigo. Eu era a boneca delas [risos].”

No depoimento de Tatiana, a busca do feminino veio ao encontro do sentimento de diferenciação e estranhamento em relação aos aspectos que compõem o masculino em nossa sociedade. Merleau-Ponty (2006) ressalta que a criança interage com o mundo de forma natural, colocando nas situações seu próprio corpo sem pressupostos, permitindo-se a interação e a experiência. As questões de gênero não são dadas *a priori*, mas, sim, construídas nas relações, e a partir dos modelos observados ao redor. Nesse sentido, Tatiana não vê nenhum problema em ter sido maquiada pelas irmãs e se tornado uma boneca para elas.

Patrícia, 24 anos, apesar do órgão sexual masculino, quando coloca um vestido, atrai os olhares dos rapazes e se sente feminina: “*Quando fiz quinze anos de idade, eu coloquei um salto, uma bota de uma tia minha com salto. Coloquei um vestido vermelho e saí pra rua. Adorei porque começaram a mexer comigo, fiz sucesso*”. Como observou Peres (2015), as primeiras experiências com o gênero feminino são o marco inicial da trajetória do travestir-se. E é nessas experiências que elas buscam elementos para conhecer e incorporar a feminilidade.

Apesar de poderem experimentar as roupas, os acessórios e outros elementos do universo feminino, nossas colaboradoras perceberam que isso se dá em um espaço lúdico limitado e que as fugas às representações determinadas ao masculino são punidas. Como nos relata Mônica, de 31 anos: “*Namorar assim, né?, fazer troca-troca, sabe? Meu pai me pegou, me colocou de castigo, me colocou ajoelhado nas tampinhas, fiquei mais ou menos umas duas horas ajoelhada nas tampinhas*”. O desejo homoafetivo é outra questão que aparece de forma problemática. Conhecido, desde a infância por algumas de nossas colaboradoras, foi um sentimento forte, mas também temido devido às suas implicações com os valores intrafamiliares.

Aí a gente começa a brincar com os primos da gente, aí vai dando aquelas coisas, vai sentindo aquelas coisas, você sabe como é que é, né?, vem aquele tesão pelos meninos, né? [risos]. Então vem aquele tesão, uma vontade forte, né? E você fica doida, mas tem que controlar, sabe como é que é.” (Erika, 38 anos).

Érika nos fala do desejo – o “tesão” experimentado desde cedo nas brincadeiras com os primos, enquanto Mônica (31 anos) nos relata o castigo por fazer “troca-troca” com um primo.

Além da questão das brincadeiras com elementos do gênero feminino, o tema da sexualidade e do desejo erótico das colaboradoras também se fez presente nas suas vivências iniciais. A sexualidade e o desejo homoerótico são colocados pelas colaboradoras como fatores que subsidiaram a construção de sua vivência travesti. A homossexualidade e a busca pelo feminino são duas características desse momento e das experiências iniciais.

Kulick (2008) mostrou que as travestis brasileiras associam o desejo por homens à identificação daquilo que é socialmente denominado de identidade feminina. Este autor observou em pesquisas anglo-saxônicas que se considera a travestilidade como uma questão de gênero e não apenas de sexualidade. Contudo, ao estudar travestis brasileiras, verificou que a sexualidade, ao invés de gênero, é o principal elemento constituinte das identidades travestis. O autor apontou que, na configuração brasileira de sexo e gênero, o critério determinante para identificar homens e mulheres parece ser o papel que a genitália desempenha na relação sexual. Se a pessoa é ativa, é considerada homem, se for passiva é mulher ou homossexual.

Este tema nos leva a pensar na idealização do parceiro afetivo-sexual, quando se observa que as travestis “*esperam que os ‘homens de verdade’ sejam másculos, ativo, empreendedores, penetradores*” (Pelúcio, 2009, p. 526). Os “homens de verdade” são aqueles que não possuem outro interesse além de amar, prover e assumir sua parceira como mulher e esposa, tratando-a, assim, dentro dos ideais tradicionais do casal heterossexual e monogâmico. Aqui, a relação serve não só para fins afetivo-sexuais, mas também para a afirmação da feminilidade da travesti, como elogio à sua beleza e capacidade de conquistar e manter um homem ao seu lado. “*Morei até meus dezessete, dezoito anos com ele. Eu me travestia pra ele, né?, pro meu marido. Mas aí eu pensei em fazer pista e ele não deixava. Eu ia escondida pra rua.*” (Júlia, 42 anos).

No universo das travestis, a expressão “homem de verdade” significa virilidade, aponta para a preferência de prática sexual executada por este homem, que, para elas, reflete como signifiante de sua virilidade e de sua orientação sexual para a heterossexualidade. Nossas colaboradoras reproduzem, assim, os modelos da heteronormatividade: a divisão de práticas sexuais entre ativos e passivos, que revelarão fatalmente as preferências sexuais do sujeito que vive dentro deste universo.

Isso porque, de maneira muito frequente “[...] *as travestis gostam de se relacionar sexual e afetivamente com homens; porém, não se identificam com os homens homo-orientados*” (Pelúcio, 2009, p. 525).

A diferenciação desses homens, para que entrem na categoria de “maridos”, reside ainda na possibilidade de assumir a parceira com uma travesti. Pois o *homem* também é aquele que assume publicamente sua relação, sendo simbolizado até mesmo como mais viril que qualquer outro.

As travestis, ao buscarem parceiros com estas características, apresentam mais uma peça deste complexo *quebra-cabeça*: o desejo de um parceiro idealizado, pautado na virilidade, na aparência de heterossexualidade, e na coragem da assunção do relacionamento que ocasiona difíceis enfrentamentos sociais (Pelúcio, 2009).

Seguindo as narrativas de nossas colaboradoras, pudemos perceber uma tendência na formação de trajetórias singulares muito precoces na vida das travestis que, desde crianças, afirmam seus desejos de construir suas vidas de forma *sui generis*.

Logo na infância, manifestam os desejos de se transformarem, extrapolando as normas de gênero estabelecidas, burlando o que deveria ser da ordem do masculino e do feminino.

As primeiras experiências são expressas pelas escolhas de suas roupas, dos adereços e dos modos de expressar sua singularidade, ainda que de forma ingênua e inocente. Suas narrativas nos mostram a confusão em querer ser elas mesmas e as dificuldades de aceitação por parte de seus familiares e amigos, que reprimem a expressão de seus desejos, impondo modelos de como se comportar socialmente.

Essas lembranças da infância e as experiências, em meio à repressão, ao controle, à vigilância, associadas a um sistema de representações do masculino e do feminino, deram o tom dos relatos, e expuseram o dispositivo que se instala sobre a orientação sexual das colaboradoras, vivenciada como um desvio.

Nesse sentido, o desejo de se travestir explicita questões que envolvem ritos, brincadeiras na infância, vínculos de amizade, e o projeto de sair de casa, entre outros aspectos que refletem a dificuldade de ser aquilo que se deseja. “*Eu fugi de casa porque eu queria viver minha vida. Eu queria ser uma coisa e a família não aceitava. Hoje em dia, eles aceitam, mas não aceita muito, não.*” (Rosana, 62 anos).

É relevante destacar, por fim, que as histórias de nossas colaboradoras nos trazem questões que marcaram, e ainda marcam, diferentes gerações de travestis: o autoritarismo familiar, a rejeição de sua condição, as dificuldades em revelar e viver a homossexualidade junto à família, a exclusão ou saída de casa ou da escola, a migração para outras cidades para viverem suas relações afetivo-sexuais e construção do ser-travesti.

Investindo no corpo

As vivências da infância e juventude de nossas colaboradoras, baseadas nas brincadeiras com as questões de gênero e com o desejo homoafetivo, compõem a forma de exprimir a existência dessas pessoas que buscam sua maneira de manifestar as vivências enquanto travestis. Neste universo complexo, no entanto, outras medidas mais drásticas são necessárias para se aproximar do ideal de beleza e de feminilidade aspirado neste universo travesti.

Além do uso de roupas e acessórios femininos, a construção do ser-travesti demanda técnicas mais radicais, como o uso de hormônios, silicone, apliques de cabelo, dentre outros. Observamos também que a construção do corpo se dá a partir de certo tempo, de uma maneira adequada, conforme nos relata Brenda, 26 anos:

“O hormônio, você aprende a tomar ali na pista. As outras meninas te explicam onde comprar, como tomar. A marca que é boa pra tirar o macho que tem dentro de você. Tem que começar novinha, né? Pra evitar de ter barba, pra não ficar com o chuchu [barba] grosso, difícil de fazer.”

A hormonização serve como passo inicial para a modelação do corpo e também como preparação para a aplicação do silicone. Para as travestis, a hormonização tem aspectos positivos e negativos: por um lado, atua na modelagem do corpo, propicia a redução de pelos, afeta a voz, faz crescer os seios etc.; por outro, pode arrefecer o desempenho sexual e ainda afetar a pessoa emocionalmente.

No imaginário das travestis, o hormônio traz a possibilidade de “ter o feminino no sangue” e assim, elas ficam “super-afetadas”, ou emocionalmente instáveis e irritadiças.

Segundo Benedetti (2005), boa parcela das travestis inicia a ingestão ou aplicação de pesadas doses de medicamentos que contenham progesterona e estrogênio normalmente muito jovens (por volta dos 14 ou 15 anos). Estas substâncias começam a agir sobre o organismo, fazendo crescer os seios, arredondando os quadris e os membros inferiores e superiores, afinando a cintura (e a voz, segundo algumas) e diminuindo a produção de pelos, especialmente os da barba, peito e pernas:

“Primeiro eu comecei tomando o hormônio. Aquelas injeções de duas vezes por dia. No começo, fica mais feminina, pele bonita, mais arredondada. Mas se não tomar cuidado, a neca perde a força, você não sobe.” (Júlia, 42 anos).

As travestis possuem uma clara definição do que seria próprio do universo feminino e do masculino, reguladores de comportamentos públicos e privados. Ao masculino, estariam reservadas características como ativo, racional, “o quem manda”, pênis, músculo e pelos. Ao feminino, reservar-se-ia o passivo, o emocional, o passional, “a que obedece”, peito, carne, sem pelos.

Elas também passam grande parte do tempo na vigília de seus corpos, na perspectiva de evitar que elementos masculinos afetem seu visual. A barba, a voz, a pele, dentre outros devem ser observados para que possam passar por mulheres. Nesse sentido, o hormônio desempenha um papel primordial.

Para as travestis trata-se, então, de reduzir ao máximo as influências masculinizantes sobre seu corpo, apartando uma dimensão do seu ser, equilibrando-se entre dois polos: de um lado, o desejo do corpo feminino, arredondado e sem pelos; por outro, o medo da perda do apetite e da *performance* sexual que pode atrapalhar na execução dos programas.

Mas os hormônios têm seu limite e é necessário ir mais longe. Assim, as travestis recorrem ao processo de “bombar” o corpo. O uso de silicone é um momento esperado por muitas, que guardam dinheiro para este momento.

“Depois de um tempo eu pus silicone no bumbum. E com o passar do tempo, acho que tem uns dois anos, que eu pus prótese no seio; acho que foi uma conquista. Porque as travestis quando não consegue pôr prótese de silicone e tem que se submeter ao silicone industrial é o... ó! Pra nós, é uma conquista. É uma coisa muito bacana. Eu me considero uma vitoriosa por isso, de ter conseguido isso.” (Adriana, 24 anos).

Além do aspecto financeiro, relatado por Adriana, a dor no processo de “bombar” o silicone no corpo demanda toda uma preparação:

“Eu não conhecia o jeito de pôr o silicone. Nas primeiras vezes, eu morri de dor, mas aí vai ficando duro, e você passa a aguentar. Na verdade, dói só nas primeiras agulhadas, né? Mas como as meninas falam: ‘É a dor da beleza’, né? Então, a gente também sofre pra ficar em cima do salto, né? Aí, quando o repouso é feito certinho, a tendência é só coisas boa.” (Brenda, 26 anos).

O uso do silicone industrial requer diversos cuidados: o lugar certo de “bombar”, a quantidade correta, os cuidados na higienização, o repouso, a alimentação etc. Para Figueiredo (2011), a travestilidade se dá no cuidado constante com o corpo através do domínio de práticas específicas, bem como na coragem necessária diante dos riscos que envolvem essa modificação corporal. Para a autora, as travestis parecem preferir enfrentar corajosamente os riscos, dores, e desafios que envolvem suas práticas a manterem as marcas do masculino em seus corpos; o que nos remete também à ideia de um *ethos* moldado na coragem.

A dor presente neste processo parece corroborar a satisfação que se tem ao fim das aplicações e do repouso necessário para o silicone ficar na forma esperada. É justamente neste ato de execução das *práticas travestidas*, conforme Figueiredo (2011), nas quais estão envolvidos os procedimentos metamórficos, que a dor, os riscos, os perigos e a ilegalidade são reelaborados como capital simbólico próprio e bastante dignificado nesta experiência.

A dor de que nos falam nossas colaboradoras é aqui sentida de maneira dignificante e positivada, através de uma categoria que elas expõem como motivo maior de suas ações de transformação: o desejo.

Para Figueiredo (2011), a dor e o desejo fundem-se como meio de adequação, que acaba por formar um *ethos* baseado na coragem de passar frequentemente por esquemas de dor física, tido muito mais como percurso necessário, do que sentido em sua atmosfera de sofrimento. Dessa forma, a “*dor pode permanecer privada; pode não haver sinal ou indício externo de que a pessoa está experimentando dor, mesmo que a dor seja muito intensa. Esse tipo de comportamento é comum em sociedades que valorizam o estoicismo e a força.*” (Le Breton, 2011, p. 294).

Para Pelúcio (2009), a dor da beleza no universo travesti investe de conteúdo simbólico a passagem pelo processo de “bombar” o corpo, e que encontra uma correlação no universo feminino. Neste, encontramos as dolorosas práticas estéticas que “criam” e “mantêm” a “beleza” feminina e que ajudam culturalmente a moldar o seu *ethos*: orelhas furadas ao nascer, pelos arrancados à pinça; uma ampla gama de intervenções cirúrgicas estéticas; lipoaspiração; depilação; secadores que puxam o couro cabeludo com força e calor, entre outros. Assim, para estar “em cima do salto” e permanecer bela, é necessário coragem para enfrentar a dor nos cuidados cotidianos.

O corpo travesti constitui um processo inacabado, e elas sabem que os retoques, as aplicações de silicone, e a vigília constante fazem parte da trajetória de construção da travestilidade. Vanessa, 27 anos, relata o problema com o silicone que escorreu para as pernas e fez com que ela ficasse internada durante dias:

“O começo do silicone foi complicado porque eu tive problema. O meu primeiro silicone, ele rejeitou. Passei vinte e oito dias internada, fiquei com um problema muito grande na perna, porque o silicone, ele se dissolveu, e se espalhou pelo meu corpo.”

As outras colaboradoras também reconhecem o fato de lutar contra os aspectos inerentes à sua condição; por isso, os conselhos sobre remédios, repouso, alimentação, produtos para o uso diário etc. aparecem com frequência nas conversas. Desse modo, a hormonização e o plastificar o corpo realizados pelas travestis fazem parte de seu universo e têm relevante sentido para elas. A participação nessas atividades gera experiências significativas, subsidiando a formação do ser-travesti no *ethos* da atualidade.

A saída de casa e da escola e a ruptura com o universo familiar, para muitas travestis, é o momento a partir do qual resolvem investir mais intensivamente na transformação do corpo:

“Na escola, desde os meus dezessete anos, quando eu me transformei de uma vez, comecei a me hormonizar, a deixar o cabelo grande, as pessoas, os professores me discriminavam. Me olhavam torto, riam de mim. Aí, você fica descrente com a escola, entendeu?” (Patrícia)

Além disso, para muitas, a entrada no universo da prostituição exige que o corpo ganhe contornos femininos, e requer o encontro com pessoas que compartilhem desses valores. Na relação com o grupo social de pessoas em comum, vão tendo acesso às informações que precisam para se tornarem travestis, tais como modos de transformação do corpo com a ingestão de hormônios ou aplicação de silicone, aquisição de acessórios de feminilização (perucas, sapatos, roupas), que contribuam para afirmação do desejo de se transformarem, no sentido de descobrirem os caminhos para a realização de seus sonhos.

As histórias da pista

Se a “dor da beleza” é utilizada pelas travestis como meio de reelaboração do sofrimento no processo de construção corporal, o medo e a dor advindos do universo da pista são também ressignificados e ganham relevância na construção da travestilidade. O frio, a fome, as longas horas à espera dos clientes na rua, a violência, as drogas e diversos fatores que surgem com muita frequência no universo da pista.

A temporalidade da noite, as baladas, os programas e as experiências do mercado do sexo acabam sendo usados pelas travestis para dar visibilidade ao processo de construção de sua identidade. Para Pelúcio (2009), nas histórias de vida das travestis, a experiência da prostituição comumente se apresenta de maneira híbrida, pois parecem combinar o que há de bom e ruim para elas nessa atividade, formando um contorno menos vitimizador e violento dessa prática, buscando os momentos de prazer que ela pode ocasionar.

Conforme a autora, através da possibilidade de ser desejada e cortejada, mesmo que no fugaz momento de um programa, as travestis ressignificam a prostituição com um sentido mais profundo. Namorar, paquerar, flertar, dentre outros jogos dissolvem a tensão por trás do mercado do sexo e dos riscos implícitos nos programas.

A dor, o sofrimento, a aspereza do cotidiano, a luta, os confrontos rotineiros com a sociedade aparecem neste relato de Adriana, 24 anos:

“Porque, com a prostituição, a gente sabe que fica muito exposta às DST, à AIDS, ao álcool, às drogas. A saúde mental das travestis atualmente anda um pouco avariada, porque a gente... é muito grande o uso e abuso das dependências químicas devido às circunstâncias, devido ao meio que a gente vive mesmo. E é cada bafão, nem te conto... Então, eu acho que se a gente tivesse um trabalho de dia, a gente teria que ir até a droga, e a gente, na prostituição, a droga vem até a gente.”

Adriana e outras colaboradoras relataram as agressões que sofreram e cobram respeito à sua maneira de viver, que, para elas, é tão legítima quanto outras formas de sociabilidade. Além disso, o que importa para as travestis é o sentimento de fazer parte de um universo que as aceita apesar das dificuldades:

“De vez em quando eu falo que vou ver as meninas na noite. Vejo o trabalho delas ali na pista e penso que não dá mais pra mim. Cair na vida, de novo, acho que não dá mais. Isso é difícil. Assim, lógico que você não sabe o dia de amanhã, né? Mas por enquanto eu tô meio passada com essa vida. Eu tenho o meu corpo bombado que me dá a chance de ganhar dinheiro, mas isso é muito cansativo.” (Vanessa, 27 anos).

Para as travestis, o tempo se desenrola junto à transformação corporal. O desejo, a dor, o risco, as marcas, e o prazer são incorporados, e constituem suas histórias de vida, que também é a história de um corpo (Siqueira, 2015). A prostituição como espaço de pertencimento parece ser fundamental para entender o “universo trans” e, assim, as travestilidades. A rua/pista/avenida ainda parece ser um espaço de referência, mesmo para aquelas que não buscam ali clientes, apenas um lugar de reconhecimento (Pelúcio, 2009).

Na pista, as travestis fazem amizades, aprendem a linguagem específica que as orienta e protege, ficam sabendo das novidades sobre as pessoas, a moda, os clientes, dentre outros assuntos. Ao “cair na vida”, elas entram em um universo particular que moldará seu corpo, sua subjetividade, e sua sexualidade. O corpo na pista se torna um código: a postura, o cabelo – cor e tamanho; as formas corporais, o vestuário desvelam para os clientes as possibilidades de prazer ou de risco.

A beleza da travesti ou a falta dela estabelece um código para os clientes que vão buscar aquilo que gostam em termos de prática erótica. Entre as travestis, estes elementos acabam por constituir uma hierarquia entre as mais belas, as *tops*, e as outras pobres ou “penosas”. Para Pelúcio (2009), toda uma ética e uma estética são apreendidas na prostituição, e com a prostituição, constituindo-se uma instituição/ local de aprendizado e reconhecimento de si, para si e pelos outros:

“Não quero ficar assim machuda. Eu quero que quando chegar o dia realmente de eu me transformar em mulher, de ser assim uma travesti top mesmo, eu quero tá muito bem, pra ninguém olhar diferente pra mim na rua, entendeu? Eu não quero passar, assim, por traveção ou por aquelas caricatas que parecem palhaças sabe?” (Mônica, 31 anos).

A questão da idade apresenta-se como tema relevante para as travestis; à medida que o tempo passa, seu corpo perde a forma, os traços masculinizantes podem se tornar mais visíveis e acontece a diminuição da quantidade dos programas sexuais. A imagem de “veterana” se torna um peso e, muitas vezes, resta à travesti buscar outras formas de sustento fora do mercado do sexo.

Vários autores têm afirmado a importância que as cafetinas assumem na vida das jovens travestis. Agindo como mentoras, elas acolhem as novatas, ensinam a tomar hormônios, sugerem partes do corpo que se deve “bombar” e quantos litros colocar. A cafetina, enquanto mãe/madrinha indica a bombadeira, instrui quanto aos clientes e sobre as regras do “pedaço”. Para Pelúcio (2009), a cafetina ocupa papel organizador e ramificado na rede das travestilidades. Atua na rua, nas casas e nos corpos. É tanto aquela que explora e até maltrata, quanto a que cuida. Por interesses materiais ou afetivos, é a ela que as travestis da casa reportam suas dores e problemas de saúde:

Tenho muitas meninas pra conversar. Falar dos babados. Aqui a gente dá uma discutida, mas é coisa de bicha mesmo. Um dia conversa bem, outro dia já tá nervosa. Então, é isso aí. Lá onde eu moro, é quase uma família porque mora todo mundo junto. Quando passa da hora de uma chegar, assim de madrugada, a gente preocupa. Quando eu chego de manhã e vou nos quartos e não vejo, eu pergunto se alguém viu. Se tá sabendo de algum retetê. Vejo se tá drogada, se tá machucada. Essas coisas que deve olhar. Elas pagam a diária, mas a gente preocupa, sim (Rosana, 62 anos).

No relato de Rosana vemos o papel não apenas das cafetinas, mas também das travestis mais velhas no universo da travestilidade. Antunes (2013a) afirma que a velhice chega por volta dos quarenta anos para uma travesti que vive da prostituição. Passam a ser chamadas de senhoras, veteranas etc. e, muitas vezes, não conseguem disputar programas com as “ninfetinhas” – travestis mais jovens.

Por outro lado, quando não conseguem mais viver da prostituição, muitas se tornam locatárias de quartos ou imóveis, costureiras, cozinheiras, cabeleireiras, como nos relata Rosana (62 anos). Antunes (2013a) observou ainda que algumas travestis ao envelhecerem acabam retomando o padrão homossexual, reduzindo as características femininas em seus corpos.

As diferenças entre as gerações e o enfrentamento do preconceito, da violência, e da AIDS é outro tema importante para se pensar a questão etária dentro das travestilidades. As travestis mais velhas são vistas pelas mais jovens como pioneiras na conquista de direitos e na abertura de espaços. Além disso, as veteranas enfrentaram preconceitos e situações de violência que as mais novas não precisam mais enfrentar.

Santos e Lago (2013) indicam que há uma mudança qualitativa no que diz respeito às formas de exclusão que atingem as gerações mais novas de travestis; o que não quer dizer, no entanto, que não sejam violentas ou que possuam um efeito menos excludente. Para os autores, em períodos anteriores, a grande dificuldade era experimentar um modo de vida não heterossexual. Atualmente, acrescentaram-se outras dificuldades, como afirmar uma homossexualidade não normativa, agir de modo diferente daquele tolerado em relação às práticas homoeróticas, à idade, ao padrão de vida e de consumo.

Outro aspecto advindo de algumas lembranças narradas foi o cuidado com a AIDS e a representação da pessoa soropositiva, o que aparece de maneira diferente nos relatos de duas colaboradoras da pesquisa. Para Júlia (42 anos), a contaminação com o vírus surge como culpa por não ter usado o preservativo de maneira correta:

“Eu usei bastante camisinha, mas eu peguei o HIV, acho, que de um vício meu. Há doze anos que eu tenho esse vírus. O corpo não aguenta mais. Tá fraco. Tem que trabalhar pra conseguir as coisas. E com o vírus, a gente fica mais visada. Fica triste também. Parece que o corpo fica sujo. Sabe aquela sensação de, assim, sei lá, de fraqueza, de medo. As pessoas ficam chamando a gente de finada, de quase morta... de preconceito mesmo, né?”

Jéssica (24 anos), por sua vez, já apresenta uma visão diferente com relação à contaminação e o viver com o HIV/AIDS:

“Eu uso camisinha, me previno. Mas não sei se sou portadora do vírus do HIV. Quem sabe eu não gostaria até de ser. Quem sabe com esse vírus, eu não poderia até me aposentar? Mas como diz o comercial, a gente não pode banalizar a AIDS. Porque a AIDS é a AIDS, mano, é uma doença séria. Eu não vou deixar de viver pra ganhar um salário todo fim de mês. Apesar de eu precisar desse salário, né? Como eu vejo algumas amigas minhas, que recebem essa ajuda do governo e vivem uma vida boa, não precisa ir pra rua. Você acha que eu não queria isso pra mim?”

As diferenças entre as gerações e o contato com a epidemia parecem ser um traço marcante nesses depoimentos. As travestis veteranas perderam muitas companheiras e parceiros nos anos mais intensos da epidemia. Para elas, a contaminação era considerada sentença de morte. No entanto, para as travestis mais jovens, a realidade do HIV/AIDS é diferente e o tratamento muitas vezes pode garantir uma sobrevivência após a contaminação e o surgimento dos primeiros sintomas (Pelúcio, 2009).

De qualquer forma, a condição soropositiva afeta diretamente as travestis e influencia a imagem que elas constroem entre elas e seus pares.

Uma vez marcada como soropositiva, o estigma se visibiliza e dificilmente a travesti conseguirá se livrar dessa imagem mesmo que os boatos sejam desmentidos por exame ou contraprova. O medo da contaminação se dá não só pelos sinais característicos da doença como o emagrecimento, mas elas se preocupam com a provável queda do cabelo e perda das formas “voluptuosas” ligadas ao feminino.

A própria travesti introjeta o preconceito e toma a condição de soropositiva como um destino inevitável à sua condição. Em algumas situações, o adoecimento é visto como a única maneira de se relacionar com o mundo. Esta é, em si, uma estratégia de posicionamento no mundo, o modo como o sujeito se locomove, se movimenta, a forma que toma enquanto postura, enquanto modo de se colocar diante do outro:

“E eu tenho o caso da Aids, tenho HIV positivo. [...] Hoje eu faço tratamento no ambulatório, sou portadora do HIV. E por isso faço tratamento lá na DST. Eu tomo os remédios, mas eles me deixam muito fraca, sabe? Eu acho que é por isso, pela doença que eu tenho pouco programa, e tenho que cobrar mais barato.” (Erika, 38 anos).

Em seu relato, Erika não quer ser percebida como um corpo desfeito, deteriorado, como se estivesse próximo do fim, mas, sim, como alguém que pode contribuir efetivamente contra a homofobia, em favor da diversidade sexual e pela luta por cidadania. Como outras travestis mais veteranas, sabe das poucas opções de sociabilidade que lhe são possíveis, pois a segregação da “velhice” se reflete, entre outras dificuldades, na obtenção de parceiros e na tentativa de dar continuidade ao processo de estabelecer novas relações.

A discussão sobre as diferenças entre gerações, faixas etárias, classes sociais, e o cuidado com a saúde se tornam relevantes na compreensão das práticas de cuidado com a saúde e reivindicação de direitos da população LGBTTT. Os estudos sobre as travestis brasileiras abrem um novo campo de problematizações para a saúde pública, e suas interfaces com outros saberes, solicitando urgentemente a criação de novas agendas de pesquisas, de modo a promover a saúde global dessa comunidade, e contribuir efetivamente para a criação de novas políticas públicas que contemplem as travestis como cidadãs e suas especificidades. Outras questões referem-se ao suporte a estas pessoas em sua aposentadoria, quando já não podem mais trabalhar ou tiveram seus rendimentos diminuídos em função de danos ou agravos à saúde:

“E assim tem que trabalhar, já que tá com essa doença mesmo. Só penso no dia de amanhã, porque eu não fiz aposentadoria. Ganhar dinheiro, ter minha casinha bem montadinha de novo. Porque já tá montada, mas eu quero ter mais coisas.” (Rosana, 62 anos).

Rosana, em sua condição de portadora do HIV, busca o refúgio de casa contra as dificuldades de sua doença, enquanto as travestis mais novas e não infectadas veem o sentido de suas existências na luta por mais espaço e reconhecimento. A existência de ONGs e projetos governamentais é vista pelas travestis como uma possibilidade de trabalho. A sua entrada ou acolhida em espaços tradicionalmente heteronormativos sugere que vivemos um momento histórico de transição, em que elas se inserem em espaços impensáveis para as gerações anteriores, mas sempre graças ao desenvolvimento de estratégias em que a manipulação de seus corpos as apresenta em conformidade com as normas de cada contexto.

Considerações finais

As narrativas e os depoimentos de nossas colaboradoras nos fazem pensar em peculiares demarcações de tempo vivenciadas na trajetória do ser-travesti. Nas lembranças da infância e juventude, elas apontaram a rígida construção das noções das representações de gênero transmitidas pela família, as quais informam o que homens e mulheres podem ou não fazer. Essa rigidez transmitida pela família contrasta-se aos jogos e experimentações com as questões de gênero que muitas travestis vivenciaram no início de suas trajetórias.

A descoberta do desejo homoafetivo, o momento da revelação à família, a decisão de sair ou permanecer na casa da família e na escola, a inserção no universo da prostituição, a transformação do corpo, as viagens e os lugares conhecidos, as questões da idade e da beleza física são outras demarcações da temporalidade travesti. A heteronormatividade e a rigidez nos padrões de gênero foram colocadas pelas colaboradoras como os principais obstáculos à vivência tranquila de sua afetividade e sexualidade e do processo de construção da sua travestilidade.

A discriminação e a rejeição à sua condição *trans* levaram muitas travestis a sair de casa, a abandonar a escola, e a se inserir no universo da prostituição. Essa trajetória, recorrente nas histórias das travestis, deixa vulneráveis estas pessoas que geralmente não encontram durante suas vidas apoio ou assistência para os problemas que aparecem nessa sua jornada. Sem escolaridade, não conseguem empregos mais qualificados, muitas vezes não podem contar com o suporte da família, não têm acesso a serviços de saúde, se tornam mais vulneráveis às infecções sexualmente transmissíveis, IST, aos problemas com drogas, e ao sofrimento psíquico.

O uso indiscriminado e não assistido de hormônios, silicone industrial, e outras substâncias também constitui outra preocupação para a saúde e o bem-estar das travestis. Em suas histórias podem ser destacadas as memórias relativas ao desejo de se hormonizar e de “bombardar” o corpo, de deixá-lo mais feminino, de se tornar “belíssima”.

Para as travestis, existe o tempo certo para aprofundar e intensificar a transformação corporal, como também devem ser observadas as etapas corretas para a reabilitação das intervenções e o cuidado com as novas curvas, os novos lábios, busto e quadris.

A experiência das bombadeiras, os conselhos das cafetinas e das madrinhas constituem importantes elementos para a construção da corporalidade travesti: o local onde colocar o silicone e a quantidade certa, os cuidados com os hormônios, a alimentação correta na recuperação, o tempo de repouso etc.

Na batalha e no universo da prostituição, a *expertise* das mais velhas ajuda as travestis a driblarem diversos problemas e a sobreviverem à violência dos clientes e da polícia, ao frio das madrugadas, à fome, à incerteza, e à competição com outros profissionais do sexo etc.

Compartilhar histórias e conversar com outras travestis parecem ser aspectos também importantes na construção das travestilidades. Muitas vezes, o acolhimento das colegas de pista é o único suporte que as travestis recebem para lidar com as dificuldades. Em momento algum, contudo, se pretende sugerir que a prostituição e a travestilidade sejam indissociáveis. Contudo, se observa que o universo das ruas (a pista) é fundamental na construção da pessoa travesti; é onde ocorre, por exemplo, o processo de *amadrinhamento* e se encontra um espaço de referência, mesmo para aquelas que não buscam ali clientes, mas apenas um lugar de reconhecimento.

Na busca por uma profissão, muitas de nossas colaboradoras passaram por diferentes empregos e carreiras. O que se observa nas escolhas e nas mudanças empreendidas é o medo que existiu de não serem aceitas enquanto profissionais homossexuais e, principalmente, travestis, e de serem exploradas devido à sua condição: Brenda foi cabeleireira, Jéssica trabalhou em empresa de decoração de eventos, Rosana foi vendedora em lojas de roupa, Patrícia ficou três meses em uma lanchonete *fast-food* e as demais tiveram empregos provisórios em restaurantes, na entrega de panfletos etc. Estes trabalhos temporários muitas vezes não possibilitam a capacitação, o ganho de experiência, nem mesmo a aquisição de garantias como empregado formal.

Aquelas travestis que conseguem trabalhos duradouros são colocadas em postos e funções considerados “femininos”, em que a sua condição *trans* não destoa. Além disso, observa-se como *gays* e lésbicas parecem ser alvos diferenciados da homofobia, comparativamente às pessoas *trans*, o que implica estratégias diferenciadas de torná-las invisíveis no ambiente de trabalho, e as lançam em complexos contextos de negação e/ou negociação da visibilidade de suas identidades sexuais. Dessa forma, ser diferente em áreas onde a uniformidade é compulsória não deixa muitas oportunidades para as travestis participarem ou competirem no mercado de trabalho. Elas, muitas vezes, acabam escolhendo atividades em que se sentem menos discriminadas.

As travestis, na atualidade, rompem diferentes tabus: cada vez mais suas memórias e narrativas conseguem invadir o espaço público, reivindicar seus direitos e tornar imprevisíveis as questões em torno dos padrões de gênero. Pode-se imaginar, para aqueles e aquelas cuja vida foi marcada por múltiplas rupturas e traumatismos, a dificuldade colocada por esse trabalho de construção de uma coerência e de uma continuidade de sua própria história. Assim como as memórias coletivas e a ordem social que elas contribuem para (des)construir, as trajetórias das travestis resultam da gestão de um equilíbrio precário, de um sem-número de contradições e de tensões, avanços e recuos.

Referências

Antunes, P. P. S. (2013a). *Travestis envelhecem?* São Paulo, SP: Annablume.

- Antunes, P. P. S. (2013b). Travestis na velhice e políticas públicas. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, 3-13. Florianópolis, SC, 16 a 20 de setembro de 2013. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1373221603_ARQUIVO_textofazendogenero.pdf.
- Benedetti, M. (2005). *Toda Feita: corpo e gênero das travestis*. Rio de Janeiro, RJ: Garamond.
- Bosi, E. (1987). *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. (2ª ed.). São Paulo, SP: EDUSP.
- Brasil. (2004). Conselho Nacional de Combate à Discriminação. *Brasil sem homofobia: programa de combate à violência e a discriminação contra GLBT e promoção da cidadania homossexual*. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
- Bruns, M. A. T. (2007). O desejo tem idade? In: Bruns, M. A. de T., & Del-Masso, M. C. S. (Orgs.). *Envelhecimento Humano: diferentes perspectivas*, 18-32. Campinas, SP: Alínea.
- Chauí, M. (2002). *A experiência do pensamento. Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Davi, E., & Bruns, M. A. (2012). T. Profesoras travestis: trayectorias y experiencias. México: *Revista Intercontinental de Psicología y Educación*, 14(2), 121-142. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: <https://pt.scribd.com/document/302286596/Profesoras-Travestis-Trayectorias-y-Experiencias>.
- Duque, T. (2011). *Montagens e desmontagens. Desejo, estigma e vergonha entre travestis*. São Paulo, SP: Annablume.
- Figueiredo, A. (2011). Dos atos parodísticos: a execução da performance paródica na experiência da travestilidade. *Revista Vivência*, 37(1), 14-29.
- Josgrilberg, F. (2007). A temporalidade a partir da perspectiva existencial. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 13(1), 36-49. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672007000100005.
- Kulick, D. (2008). *Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Editora FIOCRUZ.
- Le Breton, D. (2011). *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Leite Junior, F., & Pocahy, F. A. (2015). Sim, elas envelhecem: problematizando a interseccionalidade entre gênero, sexualidade e idade. Florianópolis, SC: *Estudos Feministas*, 23(1), 145-162. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-026X2015v23n1p271>.
- Lopes, F. (2013). “Ser diferente e chegar à maturidade.” Experiências de envelhecimento e travestilidade. *Seminário Internacional Fazendo Gênero 10*, Florianópolis, SC.
- Macrae, E. (1990). *A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “Abertura”*. Campinas, SP: Editora da Unicamp.
- Melo, S. M. (2004). *Corpos no espelho: a percepção da corporeidade em professoras*. Campinas, SP: Mercado de Letras.

- Merleau-Ponty, M. (2006). *Fenomenologia da percepção*. (3ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Martins Fontes.
- Paz, O. (2011). *A dupla chama: amor e erotismo*. São Paulo, SP: Siciliano.
- Pelúcio, L. (2009). *Abjeção e desejo. Uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS*. São Paulo, SP: FAPESP.
- Peres, W. S. (2015). *Travestis brasileiras: dos estigmas à cidadania*. Curitiba, PR: Juruá.
- Portelli, A. (1997). O que faz a história oral diferente. *Projeto História. Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP*. São Paulo, SP: EDUC.
- Santos, D. K., & Lago, M. C. (2013). Estilísticas e estéticas do homoerotismo na velhice: narrativas de si. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, 15(1), 113-147. Recuperado em 01 outubro, 2015, de: <http://www.scielo.br/pdf/sess/n15/a06n15.pdf>.
- Silva, H. (2007). *Travesti: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Simões, J., & Facchini, R. (2009). *Na trilha do arco-íris: do movimento homossexual ao LGBT*. São Paulo, SP: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Siqueira, M. (2015). Caminhando como senhoras: interações sociais e performatividade de gênero de travestis idosas na cidade do Rio de Janeiro. *Bagoas: Revista de Estudos Gays*. 13(1), 151-174. Recuperado em 01 dezembro, 2015, de: <file:///C:/Users/Dados/Downloads/9653-26332-1-SM.pdf>.

Recebido em 11/07/2016

Aceito em 30/09/2016

Edmar Henrique Dairell Davi - Professor Adjunto I na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Doutor em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP. Membro Grupo de Pesquisa Sexualidadevida-USP/CNPq.
E-mail: ednardavi@yahoo.com.br

Maria Alves de Toledo Bruns - Docente e pesquisadora, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP. Especialista em Sexualidade. Psicanalista, Líder do Grupo de Pesquisa Sexualidadevida-USP/CNPq.
E-mail: ednardavi@yahoo.com.br